

# Eucanaã Ferraz – Vem

Porque os dias quebravam contra sua cara, porque trocara as horas por nada, quis o espinho extremo; mas, sobre encontrá-lo, ninguém, nada respondia. Saberia reconhecê-lo em meio a tudo? Algum sinal? Um cisne gravado na testa? Talvez

bastasse, à distância, atentar nos modos de dobrar ou desfazer frases um lenço quem sabe, no levar água à boca, moeda à bolsa, banal, vislumbrasse um rastro, mesmo sem saber agora, não saberia nunca?, o que faria do acaso o certo, até que

se manifestasse numa forma inadiável e porque seria assim avistaria na matéria mínima a sua fábrica, o fogo que sobreviria contra a indiferença dos dias; mas as ruas são compridas, era preciso estar mais perto para perceber; e logo baralhava unhas vozes cabelos

à maneira de uma teia aos pedaços que o fazia adolescente como um pombo tonto; mesmo sem vestígios, farejava; o que as costelas dos viadutos escondiam? Ruas becos subiam-lhe à boca enchendo-o de inocência e desejo; envenenara-se com o anseio de que a cidade desaguasse

em alguém, não fosse tão só pedras de seus olhos se ferirem; mais seguro era cegar as vontades; cerrados os olhos calariam o teatro excessivo dos gestos; talvez dormisse, mas a insônia vinha branca ácida alta. Houve uma vez um comandante prussiano

recostado fundo na poltrona cavando com as esporas de sua bota o mármore da lareira, lembrava, era mais fácil deixar a solidão crescer no vento vir ao quadril, lembrava do conto enquanto seus olhos erravam, esperança em pelo, juízo em vão, fome

de um relance, um fio. Suave, se ainda soubesse, era beber sem supor alguém após o drinque, gastar-se só, sem presumir um abraço à saída do cinema, à saída de sábado, mas ele sacrificaria qualquer ponderação para persistir no engano de seguir à própria sorte

por mundos que semelhavam estacionamentos abarrotados de frases moles blogs celulares fazer amigos impressionar pessoas dicionários como se fósforos para queimar o tempo o tédio, saudade de quando não vagava devastado pela

espera, pela espora, dizia o conto, de uma lâmpada após o labirinto, por aquela presença tão só pressentida mas que talvez por adivinhada ardia ainda mais; tudo (um exagero) escarnecia dele, sequioso de que regressasse quem nem mesmo houvera, Ulisses ou o filho pródigo

caminhando sobre o mar etílico, turbulento. Canções de amor foram o seu veneno, todas à roda da mesma víscera, da mesma válvula sentimental, podia senti-la sem amores nem romances, sangue e bomba só, como no peito de um bicho que é apenas isso.

Então, exausto, sem nenhum grito, deitou-se sobre a pedra escura da rua ou da escharpa mais alta da lua mais miserável e suja e esteve ali, parado, manso, sem que nada pedisse ao tempo ou pretendesse.

E era só uma noite entre as noites, quando despertou

agitado, deve ter sido assim, pela visão de uns lábios, vinham acesos, na direção dos seus.

**Eucanaã Ferraz, Sentimental**